

VIA SÃO PAULO

TÃO GOMES PINTO

O golpe em Sarney e outros golpes

Notícias davam conta que no final da tarde de ontem o presidente Sarney, mais dez ministros de Estado e o todopoderoso dr. Ulysses Guimarães afundavam-se numa reunião no Palácio da Alvorada, cogitando-se para a noite um pronunciamento do Presidente da República pela televisão.

O Governo tentava se recompor do golpe recebido à tarde, na Comissão de Sistematização, e ainda perplexo com a contagem dos votos que imaginava seus majoritariamente, tentava encontrar um caminho para prosseguir.

A pergunta no entanto é prosseguir como? Para onde?

Mais do que em outros momentos dramáticos de seu mandato sem tamanho e sem consistência, o Presidente da República deve ter-se sentido ontem vítima impotente da armadilha que as circunstâncias da política armaram para ele e na qual, a cada movimento, mais se enreda.

O mandato do presidente Sarney foi cassado ontem por uma minoria parlamentar que por artes do senhor Mário Covas e de outros argutos manipuladores das forças instaladas no Congresso, transformou-se em maioria irremovível nessa malsinada Comissão de Sistematização.

Pouco antes de ser convidado para o Ministério, e para a função de principal articulador político do Governo, o deputado Prisco Viana comunicava ao Presidente o resultado de uma primeira avaliação dessa Comissão. Prisco, com todas as letras disse, que ali nada mudaria, nada passaria.

Não obstante, ele, o Presidente e um grupo reduzido de auxiliares tentaram reverter a tendência do grupo que se apossou do poder constituinte e em seu nome, e de interesses que não coincidem exatamente com os interesses nacionais, está desenhando o Brasil do futuro.

Um desenho triste. Um garrancho grotesco de uma Nação retrógrada na sua concepção e nas suas propostas. Do grupo minoritário, mas ditatorial, instalado pelos senhores Covas, Richa e companhia, não se deveria esperar uma obra de arte, mas o resultado não precisaria ser tão rústico, tão grosseiro assim.

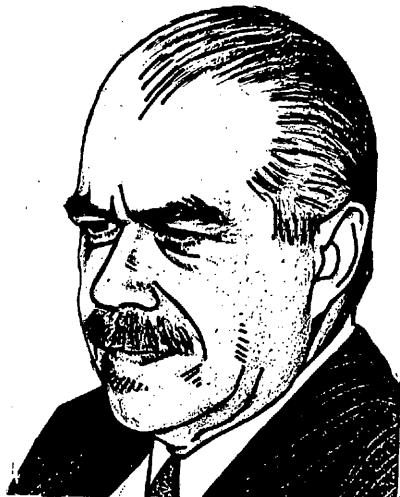
Emerge dessa Comissão que já dissemos malsinada, um País melancolicamente estatizante, xenófobo, um Estado prepotente e presunçoso na medida em que se auto-atribuiu poderes de solucionar as grandes dificuldades nacionais ignorando a própria força da sociedade. A partir de ontem emerge um País também sem Governo.

Não vamos avançar aqui na análise das competências ou incompetências do senhor Sarney para exercer a Presidência. Mas é preciso que alguém reconheça em seu favor que desde o primeiro dia de mandato sem tamanho e interino José Sarney caminhou num terreno minado. Qualquer movimento mais brusco o mandaria para o espaço, ele e seu governo tímido e vacilante.

Timidez e vacilações foram debitadas em conta pessoal de José Sarney e seu temperamento. Trata-se de um profissional da política e por sua própria natureza, o político busca o entendimento, a harmonia, se possível o consenso e quando isso não é possível, sujeita-se à contemporização.

Mas até que ponto, além das razões de ordem pessoal, as condições oferecidas pelo quadro político não foram também responsáveis pelo imobilismo e pela fragilidade que o Governo atual apresenta.

Sarney, na verdade, sempre governou em condições especialíssimas e desconfortáveis. Com o início dos trabalhos do Congresso Constituinte a dualidade de comando político que já existia com o



mandarinato peemedebista de Ulysses Guimarães adquiriu os contornos de uma realidade irremovível.

O PMDB se queixa, dizendo que todos os atos e pensamentos do Presidente da República tinham um objetivo oculto que seria o enfraquecimento desse formidável poder concentrado numa única agremiação política.

O Presidente, do seu lado, teria sábias razões para lamentar em direção inversa, pois em nenhum momento aquele que seria o maior sustentáculo político do Governo mostrou disposição para assumir as responsabilidades pela condução do País.

Presente em todos os centros de decisão no plano administrativo e político, usufruindo as benesses dos cargos oficiais e se creditando junto à opinião pública nos raros momentos em que as coisas iam bem, o PMDB negou a Sarney a mínima solidariedade, indispensável para o exercício da Presidência, nas horas decisivas.

Ontem mais uma vez, na definição do mandato, o principal partido governista (se é que existe outro) usou o seu estilo habitual e votou descompromissadamente, como se não fora ou não estivesse governo.

Novas notícias dizem que Sarney não vai mais à TV e que recebeu com tranquilidade o resultado.

Segundo a Rede Globo o Presidente nada irá fazer para mudar, no plenário, o resultado computado ontem na Comissão de Sistematização.

O que o Presidente poderia fazer?

Retribuir, dando um golpe no Congresso? Não seria do feitio de Sarney, nem ele teria forças para isso. Não se iludam no entanto os que comemoraram ontem, num misto de descontração e irresponsabilidade, mais essa derrota do Presidente da República.

Existem outras forças com feitio apropriado para golpes e elas já estão se manifestando isoladamente aqui e ali. O confronto desse Congresso com essas forças é mais do que possível, chega a ser previsível.

Esse pessoal sabe que não pode confiar em mais nada e sorri quando se argumenta que tudo se resolverá no plenário, quando o recém-criado centrão irá desmontar a armadilha montada nas comissões preliminares.

A respeito, entre outras, existe a dúvida ditada pelo próprio suceder dos acontecimentos. O centrão, mesmo que se disponha a mudar tudo, só começa a agir no prazo de algumas semanas.

A campanha eleitoral para a Presidência da República já estava ontem à noite nas ruas. Campanha nas ruas tende a gerar fatos políticos com fantástica velocidade.